

SOLLEMNITAS
NATIVITATIS
DOMINI NOSTRI
JESU CHRISTI
2008

OOFM
000
1209-2009

Litteræ
Ministri Generalis
Ordinis Fratrum Minorum

“E, sendo rico, neste mundo quis escolher a pobreza” (2Fi 5)

Queridos irmãos e irmãs: É Natal: a festa das festas para o pai São Francisco (2Cel 199). É Natal: finalmente Deus plantou sua tenda entre nós, desposando para sempre a humanidade (cf. Jo 1,14). É Natal: “quando chegou a plenitude dos tempos”, a onipotência e soberania de Deus revelou-se num menino (cf. Gl 4,4). “Alegremo-nos e exultemos” no Senhor (cf. Ap 19,7). Façamos festa: a Palavra se faz *carne*. Com razão é *Boa Noite*. Neste dia, *feito pelo Senhor* (cf. Sl 117,24), brote do coração e dos lábios de cada irmão e irmã um canto de alegria, pois o Poderoso, *cujo nome é santo*, fez grandes coisas por nós, e *a glória do Senhor habita nossa terra* (cf. Sl 85,10).

Neste tempo de graça, irmãos e irmãs, olhemos para o Poverello para aprender dele a acolher e a celebrar o mistério da encarnação e do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

“E o Verbo se fez carne” (Jo 1,14)

O Filho de Deus se fez carne, assumiu nossa natureza humana em sua debilidade e fragilidade. Finalmente, o projeto divino se realizou num homem, é visível, acessível, palpável (cf. 1Jo 1,1-3). O Verbo encarnado não é um mito, é uma pessoa, que se inseriu totalmente na história humana, assumindo nossa própria carne. A velha Tenda do encontro, morada de Deus entre os israelitas durante sua peregrinação pelo deserto (Ex 33,7-10), foi definitivamente substituída. Desde agora a tenda de Deus, o lugar onde ele habita em meio aos homens, é uma pessoa, uma “carne”, e se chama “Emanuel [...], Deus conosco” (cf. Mt 1,23).

Os profetas haviam anunciado dias de ira (cf. Jr 5,9) e de castigo (cf. Is 26,21). Poder-se-ia dizer que Deus havia perdido a paciência, e ao homem parecia que não lhe restasse outra saída senão esconder-se no pó (cf. Is 2,10). E quando parecia que tudo havia terminado, Deus toma a iniciativa: “Porque nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado” (Is 9,5), é o “Filho do Altíssimo”, cujo nome é Jesus, o Salvador (cf. Lc 1,31-32). Esta é a grande surpresa do Natal: no dia em que devíamos prestar contas, “manifestou-se a bondade de Deus nosso Salvador e seu amor pelos homens” (Tt 3,4). E aqui está também a “notícia, motivo de alegria” do Natal (cf. 2,10): “Com amor eterno eu te ame!” (Jr 31,3), tu voltaste a ser alguém, porque alguém te ama!

Aum certo momento de sua vida, Francisco descobriu o significado profundo da encarnação do Verbo: o Pai tanto ama a humanidade que envia o Filho. Desde então, esse mistério de amor será para ele

motivo de contemplação constante, porque não deixa de assombrá-lo e, ao mesmo tempo, de entusiasamá-lo: a “Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, foi enviada pelo altíssimo Pai do céu, por meio do santo anjo Gabriel, [e veio] ao seio da santa e gloriosa Virgem Maria, onde recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. E, sendo rico (cf. 2Cor 8,9) acima de todas as coisas, quis escolher a pobreza neste mundo, com a beatíssima Virgem, sua Mãe” (2Fi 4-5). Mistério de amor, de pobreza extrema e de humana fragilidade; isso é a encarnação, o mistério que celebramos nestes dias do Natal.

Pela encarnação, o Filho de Deus, sem deixar de sê-lo, assume todas as nossas debilidades, exceto o pecado, e aquele que era rico acima de todas as coisas, se faz pobre e servo para nós (cf. Fl 2,5-8), para redimir-nos por sua paixão e morte: “E vos rendemos graças, porque, como por vosso Filho nos criastes, do mesmo modo, pelo santo amor com que nos amastes (cf. Jo 17,26), o fizestes nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem, a beatíssima Santa Maria, e quisestes que nós, cativos, fôssemos remidos por sua cruz, sangue e morte” (RnB, 23,3). Eis a mais profunda razão de Francisco amar o Natal mais do que as demais festas. Eis a única razão que justifica nossa celebração do Natal: o Pai quis salvar-nos e redimir-nos, por isso nos envia o Filho.

Todavia, Francisco não se detém na admiração apenas, mas a contemplação desse mistério de abaixamento e humilhação é determinante para seu modo de seguir a Jesus: “A mais sublime vontade de Francisco, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração. em assídua meditação, recordava-se das palavras e, com penetrante consideração, rememorava as obras dele. Principalmente a humildade da encarnação e a caridade da paixão de tal modo ocupavam sua memória que mal queria pensar outra coisa” (1Cel 84,1-3). Para comunicar-se com os homens, a Palavra escolheu a *kénosis*, o aniquilamento, o vazio, o despojamento. O caminho que leva Deus aos homens começa em Belém e termina no Calvário, começa na manjedoura e termina na cruz. Isso foi muito bem entendido por Francisco. Desde então, já não há outro caminho para que o homem possa comunicar-se com Deus, já não há outra maneira de celebrar cristã e franciscanamente o Natal que não seja esvaziando-nos a nós mesmos, assumindo a minoridade como a forma concreta que qualifica todos os nossos ministérios (cf. *O Senhor nos fala no caminho*, = Sfc, 28) e a *lógica do*

dom, como capacidade de sair de nós mesmos para ir ao encontro do outro, do diferente, como entrega gratuita aos outros, semelhante à constante entrega de Deus a nós (cf. Sfc 22).

“Anuncio-vos uma grande alegria, que é para todo o povo” (Lc 2,10)

Os relatos evangélicos destacam a alegria e o gozo que a encarnação do Senhor traz consigo. Foi Maria a primeira a receber o anúncio do anjo Gabriel, e seu *Magnificat* pressagia a alegria de todos os *anwium*. João Batista salta de alegria em sua presença quando ainda está no seio de sua mãe (cf. Lc 1,44). A encarnação é motivo de alegria para todo o povo (cf. Lc 2,10).

Também Francisco “celebrava com inefável alegria o nascimento do menino Deus” (2Cel 199). “Queria que, nesse dia, todo o cristão exultasse de alegria no Senhor (2EP 114,6). “Este é o dia que o Senhor fez, exultemos e alegremo-nos nele (OP, Vésperas do Natal, 6). O Natal era, pois, dia de alegria para Francisco. Mas a alegria do Natal, a alegria cristã, não é como a do mundo, que pretende encontrá-la na acumulação de desfrute, na diversão, nos presentes, no consumo... A alegria do Natal surge da admiração e do agradecimento pela humilhação do Filho de Deus, por ter assumido a fragilidade e a humildade de nossa carne, por haver escolhido a pobreza deste mundo, junto com a bem-aventurada Virgem, sua mãe (cf. 2Fi 4-5). Por esse motivo, para Francisco, a verdadeira alegria se alcança ao percorrer, como Jesus, o caminho do desprendimento e da doação total. Já que a pobreza é o caminho salvador e redentor que trouxe Jesus a nós, a celebração do Natal produz uma alegria diferente: *a alegria da pobreza*. Eis onde está a verdadeira alegria natalícia: sentirmo-nos tão pobres a ponto de necessitarmos de alguém que nos salve e que torne fecunda a nossa *esterilidade*, como fecunda foi a esterilidade de Elcana e Ana (cf. 1Sm 1,1-20). Só assim, também nós, como Isaac, Sansão e Samuel, seremos filhos da graça de Deus, *filhos de Deus* (cf. Jo 1,12).

Este modo de Francisco entender e de viver o Natal nos deve levar a uma revisão profunda da maneira de vivermos este importante tempo litúrgico, pois pode acontecer que nossa celebração do Natal seja um tanto ambígua. E assim, com valores como o estímulo aos encontros familiares, a maior predisposição em partilhar e em reconciliar-nos, o reavivar os sentimentos de fraternidade universal, as belas celebrações litúrgicas e a transmissão às crianças de aspectos importantes da fé por meio de Belém, deixamo-nos levar também por um consumismo e um esbanjamento desmedidos, que ignoram grande parte da humanidade que vive com o imprescindível ou com menos do que

isso, e que igualmente ignora a deterioração ecológica que esse consumismo produz. Talvez, esteja ali o vício fundamental de nossa festa: celebramos nosso Natal e não o seu. Talvez tenhamos deformado o Natal. Se isso for verdade, devemos recuperar a maneira franciscana de celebrar o Natal.

Natal é movimento, vontade de abandonar lugares cômodos. Só vivemos o Natal se aceitarmos ser desinstalados, se formos para onde ele está. O Emanuel, o Deus conosco é o Deus que se faz buscar e só se deixa encontrar por aqueles que sabem que são pobres. Permitam-me uma pergunta que faço a mim mesmo: Se alguém nos pedisse que lhe narrássemos nosso Natal, deixando de lado os presentes, as ceias, os cartões... deixadas todas essas mercadorias, restaria algo novo a contar? Também o Natal pode ser um tempo propício para ouvir a advertência de São Paulo de não nos acomodarmos aos critérios deste mundo (cf. Rm 12,2), e viver esta festa de tal modo que se torne um “claro testemunho profético contra os ‘falsos valores’ de nosso tempo” (CCGG 67).

“Ali se honra a simplicidade, exalta-se a pobreza, elogia a humildade” (1Cel 85,5)

O relato do presépio que Francisco preparou no dia do Natal, em Greccio, descreve Jesus no mistério de sua humildade e de sua pobreza, de sua exclusão e desamparo, usando expressões como “necessidades do menino” (1Cel 84,8), “rei pobre” (1Cel 86,3), “pequena cidade” (1Cel 86,3), presépio, feno, boi e asno...

Em Greccio, com Francisco, aprendemos a olhar, compreender e sentir de outra forma. Acostumados a olhar o que destaca, o que traz prestígio, nos é pedido que descubramos e nos deixemos vivificar pela presença misteriosa e silenciosa de Deus no pequeno e no escondido, no singelo, no pobre e no humilde de nossas vidas e da vida. Somos convidados a nos aproximar desse menino a partir da ternura e da pobreza, e não a partir da agressividade ou da prepotência. Para nos encontrarmos com o recém-nascido, não há outro caminho senão tornar-nos simples e pequenos, como Maria, José e os pastores.

Greccio e Belém são um apelo a sermos fiéis a uma dimensão essencial de nossa *forma vitae*: a minoridade. As Constituições gerais nos dizem: “Para seguir mais de perto e espelhar com maior clareza o aniquilamento do Salvador, os irmãos adotem a vida e as condições dos pequenos da sociedade, morando sempre entre eles como menores” (CCGG 66,; cf. CCGG 97,1). Greccio e Belém são um apelo a “viver o Evangelho como menores entre os menores” (Sfc 33). Greccio e Belém nos chamam a observar os acontecimentos

e a ler a realidade a partir dos pobres (cf. CCGG 97,2) e a aprender deles (cf. CCGG 93,1), pois é assim que verdadeiramente podemos servi-los.

“Queria que nesse dia os pobres e famintos fossem saciados pelos ricos” (2Cel 200,1)

Outro aspecto importante dos relatos do Natal de Francisco é a alegria pela manifestação histórica da dinâmica do dom de Deus à humanidade.

Em Belém nos encontramos com a *lógica do dom* (cf. Sfc 19-25). Em Jesus “apareceu a bondade de Deus e seu amor pelo homem” (Tt 3,4-5). Em Jesus “apareceu a graça de Deus que traz a salvação para todos os homens” (Tt 2,11). Diante desse dom extraordinário de Deus à humanidade, brota o espanto, o agradecimento e o louvor, mas também a resposta a partir da *lógica do dom*. Se Deus nos deu tudo e deu-se a si mesmo em seu Filho, também nós somos convidados a entrar num movimento de restituição, a dar-nos totalmente a Ele (cf. RnB 17,17), e ainda a “entregar e entregar-nos gratuitamente aos outros, através de um movimento do dom, que é igual ao constante entregar-se de Deus” (Sfc 22).

Desse modo, a celebração do Natal há de ativar em nós a prática de alguns dos meios que nos propusemos no projeto *A graça das origens* para os anos 2008-2009: Cuidar que todas as Entidades estabeleçam formas concretas de expropriação e de restituição de nossos bens aos pobres, que são nossos mestres e senhores; verificar em cada Fraternidade local o uso


de nossos espaços, buscando realizar opções solidárias e generosas na partilha; e colaborar ativamente com o Fundo solidariedade, aberto na Cúria geral, para atender a necessidades urgentes, dentro e fora da Ordem.

Conclusão

Irmãos e irmãs: o Natal deste ano está envolto no obscuro manto da crise econômica. Esta situação, grave para muitos, não pode deixar-nos indiferentes. Após uma breve caminhada pela experiência de Francisco, convido-os a celebrar o Natal a partir da perspectiva da minoridade, vivida com alegria no hoje de um mundo onde impera a pobreza e onde a deterioração da criação nos desafia. Tratar de viver os valores que Francisco nos transmitiu: acolhida alegre da Palavra, agradecimento por todos os bens recebidos de Deus – em primeiro lugar o dom de seu Filho (cf. Ad 1,17) –, proximidade e serviço aos irmãos com os quais vivemos, encontro com Deus na singeleza e na pequenez da vida, partilhar as condições de vida dos pequenos da sociedade e estar a seu serviço, restituindo-lhes nossos bens, será, sem dúvida, a melhor maneira de celebrar a grande notícia do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus nascido em Belém, e o melhor testemunho que podemos dar dessa boa e grande alegria ao nosso mundo, profundamente necessitado dela.

A todos vocês, meus queridos irmãos e irmãs, desejo uma celebração singela, alegre e solidária do nascimento do Senhor, e que seu Espírito mantenha em nós a paixão por Deus e pela humanidade em 2009. FELIZ NATAL!

Roma, de dezembro de 2008,
Solenidade da Imaculada Conceição,
Rainha e Mãe da OFM


Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral

